

## A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA (ESCRITA) E LITERATURA (ESCRITURA) NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA DA LÍNGUA NO BRASIL \*

Élcio Aloisio FRAGOSO

**RESUMO** Neste trabalho, propusemo-nos a estudar o processo de constituição do discurso romântico, partindo do acontecimento de linguagem que ele explicitou, bem como descrever os sentidos que foram sedimentados por este discurso para a língua e para a nação brasileira, tendo em vista as condições específicas em que ele foi produzido. Fazem igualmente parte destas condições de produção as filiações teóricas assumidas pelos escritores românticos e a posição discursiva (nacionalista) ocupada pelo autor romântico na produção de seu discurso. Nosso esforço constituiu-se, então, em pensar o Romantismo enquanto um acontecimento de linguagem específico da história da língua no Brasil, sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa. Este acontecimento tem a propriedade de instaurar uma ruptura em relação ao Português de Portugal, legitimada por uma escritura literária que dá a visibilidade de uma estrutura (e de um funcionamento) própria para a língua portuguesa do Brasil. A noção de “estilo romântico” foi-nos também fundamental para compreender qual era a língua que os românticos denominavam como a brasileira. A política do sentimentalismo, aliada à política do nacionalismo/naturalismo, constituíram a ideologia dominante no discurso romântico, conferindo à língua nacional um caráter “subjetivo/natural”. É esta a língua que estamos chamando de nacional, representada pela escritura romântica, saber lingüístico legítimo desta língua.

**ABSTRACT** In this work, we intend to study the process of constitution of romantic discourse, taking into account the event of language which it explicited, as well as to describe the meanings which this discourse printed to the language and to the Brazilian nation, considering the specific conditions in which it was produced. When we speak in conditions of production, we must to include the theoretical affiliations which the romantic writers retook and the discursive (nationalist)

---

\* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 05 de fevereiro de 2001, sob a orientação da Profª. Drª. Eni de Lourdes Pulcinelli Orlandi.

*position occupied by romantic author in production of its discourse. Our main objective was, then, to think the Romanticism while a specific event of language of History of language in Brazil, from the theoretical viewpoint of the French School of Discourse Analysis. This event has the singularity to inaugurate a rupture in relation to Portugal's Portuguese, legitimated by a literary writing which it gives the visibility of an own structure (and a functioning) to the Brazilian portuguese language. The notion of "romantic style" was fundamental to our comprehension about the language which the romantic writers denominated as the Brazilian. The politics of sentimentalism, articulated to politics of nationalism/naturalism, constituted the dominant ideology in romantic discourse, conferring to national language a "subjective/natural" character. This is a language which we are calling of national, represented/configured by romantic writing, linguistical, legitimate knowledge of this language.*

O objetivo principal deste texto é o de apresentar, resumidamente, as reflexões desenvolvidas em minha dissertação de mestrado na qual me ocupei em repensar o Romantismo brasileiro enquanto meu objeto de estudo específico.

Nossa questão central colocada nesta dissertação pode ser assim formulada: pretendemos, então, compreender o modo como a língua portuguesa (enquanto base) se configurou no Brasil, sendo atravessada pela literatura romântica (enquanto processo discursivo) e, ao mesmo tempo, explicitar a maneira como o brasileiro e a nação brasileira passaram a ser representados (identificados) nesta língua, a partir desta ruptura instaurada pelo discurso romântico. Em outras palavras, nosso trabalho deve procurar explicitar essa relação entre língua (entendida aqui como a base para a realização de processos discursivos, portanto, é no seu funcionamento que o discurso se constitui) e literatura (que, para nós, ou seja, dentro do quadro teórico a que nos filiamos, é uma forma de discurso, porque faz um uso específico da língua, colocando-a em funcionamento) no Brasil, no século XIX.

Para chegarmos nesta questão uma outra compreensão acerca de nosso objeto de estudo foi-nos fundamental. Somente quando assumimos que estávamos diante de um acontecimento de linguagem que pudemos problematizar os sentidos que foram "naturalizados" para este discurso, sob a aparente neutralidade dos fatos cronologicamente superpostos. Nossas questões, portanto, já foram constituídas em um outro lugar, o que resultará em uma outra teorização para este objeto.

Por outro lado, não buscamos neste trabalho partir do Romantismo enquanto um acontecimento já interpretado, pois, dessa forma, estaríamos reproduzindo um certo efeito leitor, ou seja, uma certa leitura (ancorada na transparência) que já instituiu certos sentidos para este discurso. Nossa busca constituiu-se, então, em olhar para o Romantismo enquanto um *efeito discursivo*, e por esta via, chegar na constituição deste discurso. Nesse sentido, o Romantismo interessou-nos como ponto de chegada e não de partida. Dessa forma, falamos (interpretamos) desse

discurso; não deixamos que ele falasse por si só, pela sua transparência, como se a sua historicidade não interessasse. Chegamos no nível de sua constituição, para além de sua formulação. Desse modo, a formulação do discurso romântico, que se configurou com as obras de escritores da época, está marcada pela própria historicidade deste discurso, ou seja, encontramos no nível da formulação desse discurso, os efeitos de memória que estão na base da constituição desse discurso.

Por esta via, os sentidos que constituíram o discurso romântico: o sentimento de patriotismo/nacionalismo/ o sentimento de subjetividade / o sentimento de naturalismo/ o sentimento romântico, enfim, não devem ser entendidos como próprios dos autores que os expressavam (sentimentos interiorizados), mas sim como um modo de “expressão” da conjuntura política/social da época. Tratava-se de uma política da sentimentalização que estava na base da própria constituição do sujeito brasileiro/nacional. Os escritores românticos são fortemente marcados por este momento político/social em que estavam inseridos. Na verdade, estes sentidos devem ser entendidos como exteriores (constitutivos) ao discurso romântico e não como próprios dele. E é olhando desse modo para o discurso romântico que também podemos falar da filiação teórica ao Naturalismo de Rousseau, não somente enquanto influência, mas enquanto uma memória que é retomada e é re-significada por este discurso. Este discurso é, pois, efeito da política nacionalista que resultou de nossa independência política. O Romantismo, dessa perspectiva, constituiu-se em um acontecimento de linguagem que legitimou certos sentidos para a nação brasileira. O fato mesmo de nossos escritores românticos se ocuparem com certos temas e não outros, atesta a instituição de certos sentidos e não outros. Isso mostra o efeito ideológico que regulou a prática discursiva desta época. Nessa direção, o discurso romântico legitimou nossa independência política, pois ele “expressou” este nacionalismo político. O Romantismo, então, instaura um certo modo de se pensar a nação brasileira. Esta leitura que será produzida para a nação brasileira, certamente não será qualquer uma, pois ela será determinada pelo momento político/social da época e também pelo conjunto de idéias que circulava naquela época e que de alguma forma vão atravessar os discursos de nossos escritores românticos (as filiações teóricas).

Tendo isso em vista, podemos afirmar que neste gesto mesmo de apropriação do discurso, nossos escritores românticos imprimiram uma certa interpretação para a nação brasileira, para a língua nacional, para o sujeito nacional. Desse modo, o Romantismo também é parte da constituição da política do Estado brasileiro. Estamos querendo dizer com isto que o Romantismo, bem como as gramáticas e os dicionários que foram produzidos depois da segunda metade do século XIX constituíram objetos simbólicos sócio-históricos (Orlandi, 1997b:4) que representaram a unidade imaginária da língua nacional brasileira. Nesse sentido, estes objetos simbólicos construíram a *memória escrita* da língua nacional. Com a construção destes discursos, legitimava-se a nossa língua, pois com eles nossos literatos, gramáticos e lexicógrafos transferiam para o território nacional a

autoridade sobre a língua. É este gesto de autoria sobre a língua que instituiu a unidade do Estado brasileiro. E aqui reencontramos nossa questão central: pensar a singularidade da língua nacional através da literatura, especificamente por meio do Romantismo, foi, então, nosso lugar de reflexão neste trabalho. Porém, recusamos de início tomar a noção de estilo literário enquanto traços/marcas que caracterizam um certo grupo de escritores pertencentes a uma mesma época, como se a língua fosse determinada diretamente pelo estado emocional do autor e/ou como se o estado emocional fosse diretamente determinado pela consciência do autor-estilo aqui também não está sendo entendido como o modo próprio de escrever de um certo autor. De nossa parte, acreditamos que coube à literatura a possibilidade de transformar a língua, uma vez que aquela tem uma certa “liberdade” em relação a esta, ou seja, procuramos mostrar em nossa dissertação que o discurso romântico vai interpretar a nossa língua. Daí ela estar vinculada a nossa subjetividade, as nossas emoções, pois a literatura romântica é a interpretação de nossas emoções, nossos sentimentos, etc. O discurso romântico constitui-se nesse lugar, por isso ele está na memória fundadora da língua nacional. É, pois, este discurso que vai descrever as particularidades da nossa língua. Dessa perspectiva, a literatura estabelece uma relação com a linguagem não de normatividade, mas de procurar explorar a sua sonoridade, a sua ambigüidade, a sua poesia... Tudo o que a gramática não dá conta, é colocado para dentro da literatura. É por isso que a gramática constitui-se em um discurso homogêneo (e lógico) em que a língua dever ser a mesma para todos. Desse ponto de vista, a gramática objetiva a língua, apagando qualquer possibilidade de ambigüidade. Pela gramática não é possível interpretar a língua. Por outro lado, as gramáticas produzidas no Brasil depois da segunda metade do século XIX, vão marcar uma outra filiação, em oposição àquela tradição portuguesa da gramática filosófica (Guimarães, 1997:7). Este deslocamento, por sua vez, rompe com o modelo de gramática vindo diretamente de Portugal e abre para uma teorização gramatical específica da língua portuguesa do Brasil.

Fizemos estas observações acerca da gramática para mostrar que este lugar do interpretável, da subjetividade é conferido à literatura através da noção de estilo. Resulta daí, a nossa afirmação de que pelo Romantismo marcava-se a identidade brasileira/ a singularidade da língua nacional. Por este viés, a noção de estilo conduziu-nos a interpretar a língua nacional, ou seja, o estilo romântico constituiu-se em um “gesto de interpretação” (Orlandi, 1996c) sobre a língua nacional. Conseqüentemente, os escritores românticos constituíram-se em autores desta língua. A noção de estilo tornou possível a descrição de uma língua nacional, em outros termos, o estilo de escrita romântico explicitou o divórcio entre o Português do Brasil e o Português de Portugal. Para nós, a noção de estilo que perpassa o discurso literário, constrói o lugar da subjetividade da língua. É, pois, a literatura que legitima este lugar do subjetivo na língua. É na literatura que é possível interpretar a língua, conforme já dissemos. É por isso também que algumas teorias olham a literatura enquanto “*a arte da palavra*”. Desse lugar, a literatura tem como

matéria-prima a língua que é transformada nas mãos do artista: o literato. Evidentemente que estas teorias estão marcadas por uma certa “liberdade discursiva individual” (inspiração) e por um certo conceito de estilo que compreende o traço individual na língua como sendo o estilo de escrita próprio (intimista) de quem escreve. Não concordamos com este ponto de vista. Estas considerações atestam que a literatura marca a língua, pois ela constitui-se em um discurso que trabalha a individualidade desta língua. De nossa perspectiva, podemos dizer que o processo de literarização da língua nacional inaugurava-se com a escritura do discurso romântico que vai configurar um saber lingüístico desta língua (uma forma de conhecimento lingüístico nacional). O discurso romântico, portanto, vai teorizar esta língua, tendo em vista o sentimento nacionalista/naturalista/objetivista (ideologia dominante) que vai dominar aquela época específica. Esta ideologia está na base da constituição do estilo do discurso romântico: um estilo, então, marcado pelo elemento subjetivo, pela simplicidade, pela naturalidade - marcas estas que vão construir o caráter da língua nacional brasileira. E este será o estilo da língua nacional, o efeito singular que será produzido sobre a nossa língua. Afetados por esta ideologia, nossos escritores românticos constroem o estilo da língua nacional. É desse modo que podemos falar em um estilo individual no domínio literário, logo, este estilo é determinado não pela consciência do autor, mas pelo momento político/social/histórico em que este autor está inserido... É assim que podemos falar de uma teoria da subjetividade no quadro da Análise do Discurso...

Enfim, nossas análises deslocaram o Romantismo para a noção de discurso, assinalando o acontecimento de linguagem que ele explicitou, e desta perspectiva pudemos elaborar uma outra compreensão para este acontecimento. Nesta direção, defendemos que ele configurou um saber lingüístico sobre a língua nacional brasileira, pois ele interpretou-a por meio da noção de estilo, que perpassa o discurso literário - onde o interpretável e o subjetivo são constitutivos da língua. Se compreendemos o Romantismo dessa maneira, conseqüentemente um outro deslocamento também foi-nos necessário em nossas reflexões. Estamos falando da noção de escritor romântico que mostrava-se inadequada para as análises que desenvolvíamos. Os românticos, segundo o que pensamos, não eram apenas escritores de obras literárias; nem apenas autores dessas obras (como está em Foucault, 1996: 26,27). Em nossas análises os consideramos autores da língua nacional, ou seja, eles produziram uma certa interpretação para esta língua e por isso mesmo estavam na posição de quem fundava uma discursividade para a língua nacional. Em outras palavras, eles estavam na origem da produção de um saber lingüístico para esta língua.

A compreensão que os autores românticos constituíam acerca do sentido de brasilidade já trazia uma interpretação elaborada no Naturalismo de Rousseau. Isso atesta o fato de que os sentidos são determinados historicamente por meio de um *gesto de interpretação* que efetuamos sobre a memória discursiva. Nossa compreensão, portanto, sobre a constituição do discurso romântico mostrou-nos

porque os sentidos se formaram de um certo modo e não de outro com o irrompimento deste discurso. Desse modo, a *natureza* e o *índio* não aparecem “por acaso” no discurso romântico. Eles atestam a filiação teórica do discurso romântico ao Naturalismo de Rousseau. Não acreditamos que a escolha de temas no domínio de um discurso, como por exemplo o romântico, constitui-se em uma escolha individual do autor. Nem mesmo a prática de pensar é auto-consciente (apenas temos esta ilusão, necessária porém); somente pensamos aquilo que é possível dentro da história dos sentidos (a memória discursiva - o interdiscurso). Podemos dizer, então, que os sentidos (fixados pela interpretação de certos temas e não de outros) que irromperam com o discurso romântico constituíram uma memória para esta nação. Eles construíram/identificaram a nação brasileira. Eles construíram o imaginário da nação brasileira. Estamos falando mais especificamente dos sentidos fixados pela *natureza* e pelo *índio* - nossas referências nacionais. É dessa forma que compreendemos o efeito de constituição de nossa identidade nacional pelo Romantismo. Por isso que o compreendemos em nossa dissertação enquanto um discurso fundador (Orlandi, 1993a: 13). Dessa perspectiva, o modo como o discurso romântico irrompeu no Brasil mostra que a memória discursiva naturalista (teoria de Rousseau) determinou a interpretação que os românticos realizaram acerca dos temas nacionais; a própria escolha dos temas (nacionais) já é um *gesto de interpretação* realizado em relação a esta memória discursiva (por que os escritores românticos se ocuparam com certos temas e não outros?).

Também no que toca à questão da língua nacional os autores românticos vão diferenciá-la do Português de Portugal (língua clássica) por meio deste Naturalismo de Rousseau. Nossas análises vão mostrar que os autores românticos defendiam que a língua nacional era fortemente marcada/determinada pela naturalidade do pensamento do povo que a falava. A língua nacional era investida de emoção, sentimento (e por isso mesmo era uma língua natural/espontânea), ao passo que o Português clássico (de Portugal) era uma língua racional, lógica, sem emoção (uma língua artificial). Desse modo, essa “naturalidade” de nosso pensamento constituiu o estilo/a identidade da nossa língua nacional. É deste lugar que nossos autores românticos interpretaram a nossa língua nacional.

Essa compreensão que elaboramos acerca do Romantismo levou-nos a concluir que este discurso constituiu-se em nossa referência nacional, pois ele imprimiu sentidos para nossa língua própria, bem como fixou o imaginário de uma nação própria, cujo povo tem um “pensamento” próprio.

Queremos, finalmente, assinalar que o Romantismo constituiu-se em uma formação discursiva, pois ele instaurou uma posição discursiva (nacionalista/naturalista) para o escritor romântico que poderia colocar-se na posição de autor da língua nacional (intérprete desta língua). Dessa posição, nossos autores românticos traziam para o território nacional a autoridade de poder falar de nossa própria língua. Foi também desse lugar que escritores brasileiros (José de Alencar) travaram polêmicas com escritores portugueses (Pinheiro Chagas). O primeiro

defendia a existência de uma língua nacional filiando-se à teoria nacionalista/naturalista da língua no Brasil, ou seja, falando do lugar do Romantismo, o segundo, por sua vez, filiava-se à memória tradicional da língua portuguesa, e, conseqüentemente, deste lugar o que se desviava dessa memória era considerado “erro”, “incorreção”, “desleixo”. Era dessa maneira que o escritor português interpretava a língua nacional brasileira, praticada pelos escritores românticos, tendo em vista a formação discursiva em que estavam inscritos.

Foram estas as análises (apresentadas aqui em linhas gerais) que procuramos empreender em nossa dissertação de mestrado.

## BIBLIOGRAFIA

- AUROUX, Sylvain. (1992). *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. (1994). A hiperlíngua e a externalidade da referência. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Gestos de leitura - da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- DIAS, Luis Francisco. (1996). *Os sentidos do idioma nacional - As bases enunciativas do nacionalismo lingüístico no Brasil*. Campinas, SP: Pontes Editores.
- FOUCAULT, Michel. (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.
- \_\_\_\_\_. (1997). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- GUIMARÃES, Eduardo e ORLANDI, Eni Puccinelli (orgs.). (1996). *Língua e cidadania: O português no Brasil*. Campinas, SP: Pontes editores.
- GUIMARÃES, Eduardo. (1997). História da gramática no Brasil e ensino. In: *Relatos* n° 5. Campinas, SP: DL-IEL-UNICAMP.
- HAROCHE, Claudine. (1992). *Fazer dizer - Querer dizer*. São Paulo: Editora HUCITEC.
- LAJOLO, Marisa. (1996). Oralidade, um passaporte para a cidadania literária brasileira. In: GUIMARÃES, Eduardo e ORLANDI, Eni Puccinelli (orgs.). *Língua e cidadania: O português no Brasil*. Campinas, SP: Pontes Editores.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. (1993a). Vão surgindo sentidos. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Discurso fundador - A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (1993b). A língua brasileira. In: *Anais*, Abralin, SBPC, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. (1995). *As formas do silêncio - no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. (1996a). *A linguagem e seu funcionamento - As formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (1996b). *Discurso e leitura*. Campinas, SP: Cortez editora.
- \_\_\_\_\_. (1996c). *Interpretação - autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1996d). Gramática, gramatização e a emergência das primeiras gramáticas brasileiras. In: *Anais do VI Congresso da ASSEL-RIO*. Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. (1997a). O Estado, a Gramática, a Autoria. In: *Relatos* n° 4. Campinas, SP: DL-IEL-UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. (1997b). Língua nacional e saber metalingüístico: um projeto singular. In: *Relatos* n° 5. Campinas, SP: DL-IEL-UNICAMP.

\_\_\_\_\_. (1999). *Análise de discurso - princípios & procedimentos*. Campinas, SP: Pontes.

ORLANDI, Eni Puccinelli e SOUZA, Tania C.C. de. (1988). A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Política lingüística na América Latina*. Campinas, SP: Pontes.

PÊCHEUX, Michel. (1990). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes Editores.

\_\_\_\_\_. (1994). Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Gestos de leitura - da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

\_\_\_\_\_. (1995). *Semântica e discurso - uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

\_\_\_\_\_. (1999). Papel da memória. In: Pierre Achard...[et alii]. Campinas, SP: Pontes.

PFEIFFER, Claudia R.C. (1999). A língua nacional no espaço das polêmicas do século XIX/XX. LABEURB/NUDECRI-UNICAMP (mimeo).

RIBEIRO, João. (1933). *A língua nacional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

RODRÍGUEZ, Carolina. (2000). *Língua, nação e nacionalismo - um estudo sobre o Guarani no Paraguai*. Tese de Doutorado, Campinas, SP: IEL-UNICAMP.